

## O ESPAÇO PÚBLICO COMO CONTEXTO DE ARTE EDUCAÇÃO

PRISCILA COSTA OLIVEIRA<sup>1</sup>; HELENE SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [costaoliveira.priscila@gmail.com](mailto:costaoliveira.priscila@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [helenesacco@hotmail.com](mailto:helenesacco@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta as atividades práticas realizadas nas ações propositivas do projeto denominado *Pra Falar de Tempo Pra Falar de arte*, que faz parte da pesquisa de conclusão de curso de artes visuais e atua na cidade de Pelotas.

Visa à aproximação da arte educação com o cotidiano a partir de estratégias em espaços públicos. Visto que a arte educação acontece como fluxo em todos os lugares, se entende que o espaço público é possuidor de invisibilidades potentes latentes e a educação informal (NAKASHATO, 2009) é permeada nas vivências sociais, assim, apenas necessita de um potencializador para ser ativada como um espaço de arte educação.

Para isto, o projeto ocupa lugares públicos de grande fluxo de passagem de pessoas como praças e esquinas democráticas e convida a população em geral através das mídias locais a levarem objetos de tempo ao espaço e horário divulgado. Ao levar o objeto, cria-se um diálogo entre público, obra de arte, espaço expositivo e espaço ao redor, possibilitando encontros, conversas e reflexões sobre a ação e o tempo. Como diz CANTON, KATIA (2009) sobre o seu projeto *O afeto e a cidade*, não basta ocupar o espaço público com obras de arte “só o afeto é capaz de criar um canal de comunicação verdadeiro com as pessoas que habitam esse panorama”. Trata-se de um estudo sobre os modos de comunicar, de afetar e ser afetado, de estratégias de ocupação do espaço público. A composição estética do espaço é feita a partir dos diferentes elementos que compõe aquele lugar, naquele momento (AUGÉ, 2009). Entendido na sua relação de encontro é redefinido pelo espaço que habita. Podendo ser modificada a cada segundo pela chegada dos objetos e ser reestabelecida a cada interpretação.



Figura 1: Registro da espiral construída com os objetos de tempo, na meia lua em frente ao Teatro Sete de Abril. Foto: Victor Schiller

## 2. METODOLOGIA

Para analisar e refletir sobre como se dá a aproximação do público com a arte através das novas estratégias em espaço público, é utilizada uma metodologia exploratória e diagnóstica, desenvolvida em espaços cotidianos, promovendo experimentações, experiências e trocas. Durante a ação, todos os envolvidos são entendidos como artistas, educadores, mediadores, curadores e propositores de ações. Neste sentido, visto como uma proposição contextual, o interesse está nas questões específicas em cada contexto, onde as ações acontecem. Nessas locais a ação se dá entre objeto, contexto e público, explorando possibilidades de arte como experiência educativa. A proposição é indivisível entre a ação e sua localização (KWON, 1997) e demanda da presença e interação do público com a obra para gerar sentido no contexto no qual está inserido (RANCIÈRE, 2012).



Figura 1: Registro fotográfico da ação próximo ao chafariz do calçadão.

Foto: Victor Schiller

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cidade de Pelotas, o projeto aconteceu de 01 a 07 de junho de 2013, das 9 horas as 19 horas, em diferentes espaços públicos, considerados locais de passagens com grande fluxo de pessoas como a Praça Coronel Pedro Osório, Largo do Mercado Público, frente do Teatro Sete de Abril, Centro de Artes e Chafariz do Calçadão.

A ação começou com o auxílio de um espaço expositivo móvel transparente, no entanto em seguida se entendeu que qualquer tipo de paredes, mesmo as transparentes, afastava o público, optando-se assim por paredes invisíveis, criadas apenas pela disposição dos objetos no espaço inserido.

Durante os setes dias de ação surgiram dois tipos de narrativas: as levadas juntamente com os objetos de tempo cheios de memórias e as narrativas dos passantes que ali chegavam e de alguma forma traziam suas experiências com

os objetos ou com o tempo. A partir dessas narrativas surgiram as seguintes questões: Agora vamos para escola ser educados? Agora vamos trabalhar? Agora vamos ter um momento de lazer. Agora vamos consumir arte? Até quando vamos compartimentar nossas vidas em áreas como se elas fossem desconectadas? Quem disse que aprendemos melhor entre quatro paredes? Quem disse que só artistas produzem arte? Quem disse que só filósofos refletem sobre o tempo?



Figura 2: Registro da ação na meia lua em frente ao Teatro Sete de Abril.  
Foto: Victor Schiller

#### 4. CONCLUSÕES

Propõe-se a continuação das ações do projeto, pois se pretende contribuir para as discussões de ativação dos espaços públicos como espaço de arte e educação, indicando a necessidade de discussão sobre espaços não institucionais de arte e educação informal dentro do curso de artes visuais, considerando que há atuação cada vez maior dos profissionais de arte em espaços não institucionalizados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da mobilidade da supermodernidade.** – 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade.** Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**– São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009 [coleção temas da arte contemporânea].

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano I. Petrópolis: Vozes, 2007

KWON, Miwon. **Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity.** In Arte&Ensaio. Rio de Janeiro, EBAUFRJ, n. 17, dez. 2008, [p. 167-187].

MARQUES, Luciana Pacheco. MONTEIRO, Sandrelena da Silva. Oliveira, Cristiane Elvira de Assis (organizadoras). Tempos: movimentos experiências. – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.[p.49-74]

NAKASHATO, Guilherme. **A educação não formal como campo de estágio: contribuições na formação inicial do arte/educador.** São Paulo: SESI-SP editora, 2012.

O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PAIM, Claudia. Táticas de Artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. – Porto Alegre: Panorama Crítico ed., 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ROCHA, Michel Zózimo da. Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes. Porto Alegre: M.Z. da Rocha, 2011. [p.84]